



O ASPIDE NA FLOR

— FIM —

VIII



Neste ponto da conversação, entrou na sala um individuo de feições grosseiras, modos antipathicos, andar acapadoçado, cujo traço variegado lhe dava um lugar distincto entre os *dandys* vagabundos, pois se compunha de um paletó preto, gravata encarnada, collete de velludo escuro e calças de brim branco. Teria trinta e oito annos.

Este novo personagem era um typo bastante curioso, se bem que não fosse dos mais raros. Encontrão-se repetidas vezes na sociedade d'estas anomalias moraes, que são para a ordem natural, entre os nossos costumes, o mesmo que as parasitas para a seiva das arvores. Vivem por uma absorpção perniciosa, consubstancião-se á economia dos outros seres, aproprião-se de seus elementos vitaes, sem contribuirem para a prosperidade commum, e tornando-se um mal insupportavel e sem compensação para aquelles a quem escolhem por victimas.

Assim era Julião.

Este homem era, além d'isto, uma especie de corretor de intrigas, e comparsa forçado de todos os folguedos e reuniões, onde se julgava com direito de entrar, como o mais habil no papel de histrião, porquanto conhecia que era um terreno que ninguem lhe disputava.

Futil e grosseiro, immoral e crapuloso, a mesa do jogo e a taberna da orgia erão os pontos onde infallivelmente o encontravão, quando não figurava de intruso em casa de algum conhecido que por compaixão ou indiferença o tolerava. Os vícios erão o seu passatempo; o mexerico e a calúnia, a sua profissão; o dinheiro, adquirido por qualquer modo, ganho illicitamente ou subtrahido, o seu unico Deos.

Julião já conhecia Pedro, de o haver encontrado um dia em casa de Sarmiento. Por isso foi entrando na sala, e tratando-o com toda a familiaridade, o que era uma de suas tacticas favoritas para se tornar necessario áquelles que, mais cedo ou mais tarde, pretendia atraçoar.

Apertou a mão de Pedro com enthusiasmo, fez-lhe rasgados cumprimentos, e toda a noite não descansou em dirigir mil elogios ao seu talento, ás suas maneiras cavalheirosas, e sobretudo á sua generosidade.

A's vezes, prevalecendo-se da confiança a que sem motivo se julgava com direito, fazia uma allusão, dizia um gracejo a proposito das relações que suppunha existirem entre Pedro e Carolina, movendo o riso e o desprezo de todos os circumstantes.

Depois de haver passado meia hora, em que a conversação se não fixava em assumpto algum de interesse, Julião foi sentar-se ao piano, e começou a cantar modinhas e a tocar lundús.

Sem lhe prestarem attenção alguma, o Sr. Sarmiento conversava com o Dr. Silva, e Pedro, de pé, apoiado á cadeira de Carolina, lhe dizia :

— Para que havia eu de conhece-la? Não póde calcular o que tenho soffrido desde hontem! O meu coração, que me parecia morto, acordou de repente ao benefico influxo do seu olhar! Este fogo não levou tempo a atear-se, inflammou-se espontaneamente! Passei, quasi sem transição, do gelo ao incendio, dá morte á vida, e abro os olhos neste momento a um mundo de novas illusões! Porém não será loucura esta paixão subita, que sinto de um instante para o outro queimar-me o sangue e devorar-me a existencia? Compreenda-me bem, e diga, oh! diga se não será este amor um verdadeiro impossivel?

Carolina, que ouvira como em embriaguez estas palavras, estendeo a mão para o mancebo, e lhe disse com languidez :

— Ainda o não creio... Tenho ouvido de tantos homens a mesma confissão!... Mas em fim... espere...

— Posso ter então esperanza?

— Talvez.

— Quando lhe devo confiar os meus segredos?

— Não sei... á manhã... um dia...

— Não. Ha de ser á manhã e ás horas de hoje. Promette ouvir-me?

Ella hesitou, mas respondeo :

— Prometto.

Calárão-se um instante.

— Não está reparando, acrescentou Carolina depois de um momento de silencio, como Julião nos observa, e pára de tocar para escutar o que dizemos?

— Que me importa a mim esse homem?

— É porque o não conhece ainda. A' manhã todos hão de saber que estive-rão aqui esta noite, e o que se passou.

— Tem medo de comprometter-se?

— Não ; mas para que fallarem...

— Pois bem ! calemo-nos ; mas até á manhã?

— Sim.

Esta expressão de Carolina foi acompanhada de um olhar tão seductor, de um sorriso tão gracioso, que Pedro quasi sentio-se verdadeiramente feliz.

IX

A entrevista entre Pedro e Carolina teve lugar, como era de suppôr, no seguinte dia. O resultado do que ali se passou foi, como estava previsto pelo Dr. Silva, fatal para o inexperiente mancebo.

Passárão-se dous mezes, em que Pedro, resolute e corajoso como era, affrontou todos os perigos, venceo todas as difficuldades para não faltar um só dia ao encontro na hora ajustada, e provar a Carolina quanto era generosa e desinteressada a sua affeição, cujo unico fito era arranca-la á escarpa do abysmo, que mais cedo ou mais tarde, como a todas as mulheres d'esta natureza, ameaçava devora-la.

Carolina, porém, mostrando-se para com elle de uma paixão exagerada, fazendo-lhe os mais sagrados juramentos, conseguia perfeitamente tranquillisa-lo, em quanto que, longe de quebrar com as suas antigas relações, ella as continuava sempre, atraçoando infamemente a seus dous amantes.

Muitos são os episodios que passamos em claro, para chegarmos com brevidade ao desenlace d'esta historia, visto que o nosso unico fito é mostrar que, contra o que proclamão os propugnadores da escola moderna, os entes degradados, que chegão a certo ponto de abjecção, atrophião de tal modo todas as suas faculdades moraes e os nobres sentimentos do coração, que, por mais generoso que seja o intento, mais elevada á grandeza do sacrificio que se põe em pratica para as salvar, ellas não podem mais entrar no gremio da sociedade

honesto, porque não ha senão a expiação da morte que as possa purificar.

Julião, como vimos, escutára, junto ao piano, toda a conversa de Pedro com Carolina, e fôra naquella mesma noite confessar tudo ao desconhecido rival de Pedro.

Foi em consequencia d'isto que o desvairado moço vio mais de uma vez a sua existencia ameaçada ; porém a paixão que o devorava, essa especie de natural capricho que nos impelle a sahir victorioso da luta em que os mais audazes adversarios são vencidos, e a decidida coragem que o caracterisava, o fizeram superar todos os obstaculos, e apparecer, talvez muitas vezes quando o esperavão já victima de alguma cilada, sobranceiro e illeso, como se a vida lhe fosse uma estrada de flores.

X

Um dia Pedro estava só em seu quarto, tomando as ultimas providencias para sahir d'aquelle lugar com Carolina, e poder com mais facilidade assim conseguir o fim que desejava em favor d'essa mulher, que ainda acreditava sincera e leal, quando o Dr. Silva entrou, apertou-lhe a mão, sentou-se em uma cadeira, e, depois de um curto silencio, lhe perguntou com voz pausada :

— Então é feliz ?

— Quasi.

— Pobre moço !... Sei de tudo... O passo que vai dar é condemnavel, fraco e pusillanime. Perdoe a minha linguagem : a amizade me dá direito de lhe fallar d'este modo. Que pretende fazer no mundo em companhia d'essa mulher ? Está disposto a affrontar impassivel o sorriso de escarneo com que por toda a parte o receberá a sociedade ? Se tem força para isso, parta ; mas se a dignidade que lhe é propria não tem succumbido na luta vergonhosa em que se empenha ha dous mezes, rompa todas as suas relações com essa mulher, quebre por uma vez os laços d'esse amor cobarde, porque ella...

— Diga, doutor... perguntou Pedro ancioso.

— Ella o atraíçoa, como faz a todos, respondeo o Dr. Silva com serenidade. Pedro sentio-se vacillar ; mas, cobrando animo, perguntou resolute :

— As provas ?

— Forneço-lh'as já, com uma condição...

— Qual é ?

— Que, apenas estiver convencido, partirá sósinho comigo e immediatamente para a côrte.

Pedro hesitou um momento ; porém respondeo :

— Prometto... dou-lhe a minha palavra...

— Pois acompanhe-me, tornou-lhe o Dr. Silva.

E ambos sahirão.

XI

Carolina havia combinado com Pedro que no dia seguinte partirião para um lugar mais retirado do interior, onde viverião ambos sósinhos e felizes, alumiados pelo sol do amor, no seio de uma natureza esplendidamente amorosa.

Em quanto Pedro, como vimos, tratava de fazer as suas disposições, ella communicou este segredo ao seu antigo amante, que, informado do que se preparava por Julião ao facto de tudo, lhe tinha vindo exigir uma explicação d'este inexplicavel projecto.

Ella jurou-lhe que não iria com Pedro; e depois de protestar mil vezes, com as lagrimas nos olhos, a lealdade de suas affeições para com este, assentárão ella e elle, em presença de Julião, que Pedro, quando na seguinte noite fosse encontra-la no lugar em que havião convencionado reunir-se, seria assaltado por quatro capangas, e desviado por este modo d'esta resolução, a fim de que ficassem continuando a viver em sua antiga liberdade.

XII

O doutor e Pedro dirigirão-se, encaminhados por aquelle, a uma casinha de aspecto miseravel, onde encontrárão um mulato mal encarado, armado de uma longa faca de mato, fumando tranquillamente o seu cigarro, sentado, com os braços cravados sobre uma mesa, e tendo diante de si um grande copo de cachaça.

Apenas este vio o Dr. Silva, levantou se respeitosaemente, e, tirando o chapéo, lhe disse :

— Por aqui, meu amo?

— Adeos, Manuel, lhe respondeo o Dr. Silva. Tens que fazer esta noite? Preciso de ti.

— Hoje é impossivel, meu amo : tenho um negocio.

— Pois é d'esse negocio mesmo que venho fallar-te. Dize-me a verdade. Este Sr. aqui, acrescentou o Dr. Silva designando a Pedro, é um amigo meu de confiança. Para que estás contractado? Não me occultes nada, pois sabes que não trepido um momento em mandar-te para a cadeia.

O homem não hesitou mais, e contou que tinha sido justo neste mesmo dia pelo amante de Carolina, para, com mais tres companheiros, assaltarem na estrada, até deixarem por morto, um viajante que, acompanhado por um pagem, havia, a uma hora da madrugada, de passar no mato das Cruzes.

Pedro não queria acreditar o que ouvia. Assomos de ira, desesperação, e a dôr do amor proprio offendido, travarão-lhe uma luta intima tão forte e terrivel, que outro espirito mais fraco teria irremediavelmente succumbido á sua violencia.

Pedro, porém, triumphou. Voltando-se para o Dr. Silva, apertou-lhe a mão, e disse-lhe com voz resoluta :

— Partamos.

XIII

O que se passou na alma de Pedro durante o resto d'aquelle dia, e na noite que se lhe seguio, não pôde descrever-se com palavras. Foi uma d'essas dôres profundas e amargas que soffre o homem que intenta realizar um sentimento generoso e nobre, e vê todas as suas esperanças frustradas pelo espirito maligno e fatal do poder infernal.

Quiz ainda ter uma entrevista com Carolina, e lançar-lhe em rosto toda a infamia do seu procedimento; mas não seria um acto de cobardia e vergonha insultar com o seu desprezo, embora, uma mulher tão vil e degradada?

Lembrou-se de procurar o seu rival, desafia-lo; ir ter com Julião, dar-lhe uma lição que lhe lembrasse eternamente. Mas o Dr. Silva não o abandonou um instante, e, como o seu anjo bom, ali estava sempre a seu lado, para o não deixar commetter qualquer acto de precipitada irreflexão.

Só uma cousa exigio Pedro, e foi que o deixassem partir na hora que havião designado, e seguir pela estrada em que o devião accometter.

Cumprio este desejo, e mostrou que não era um acto de fraqueza que o levava a tomar esta resolução.

Nunca mais vio Carolina.

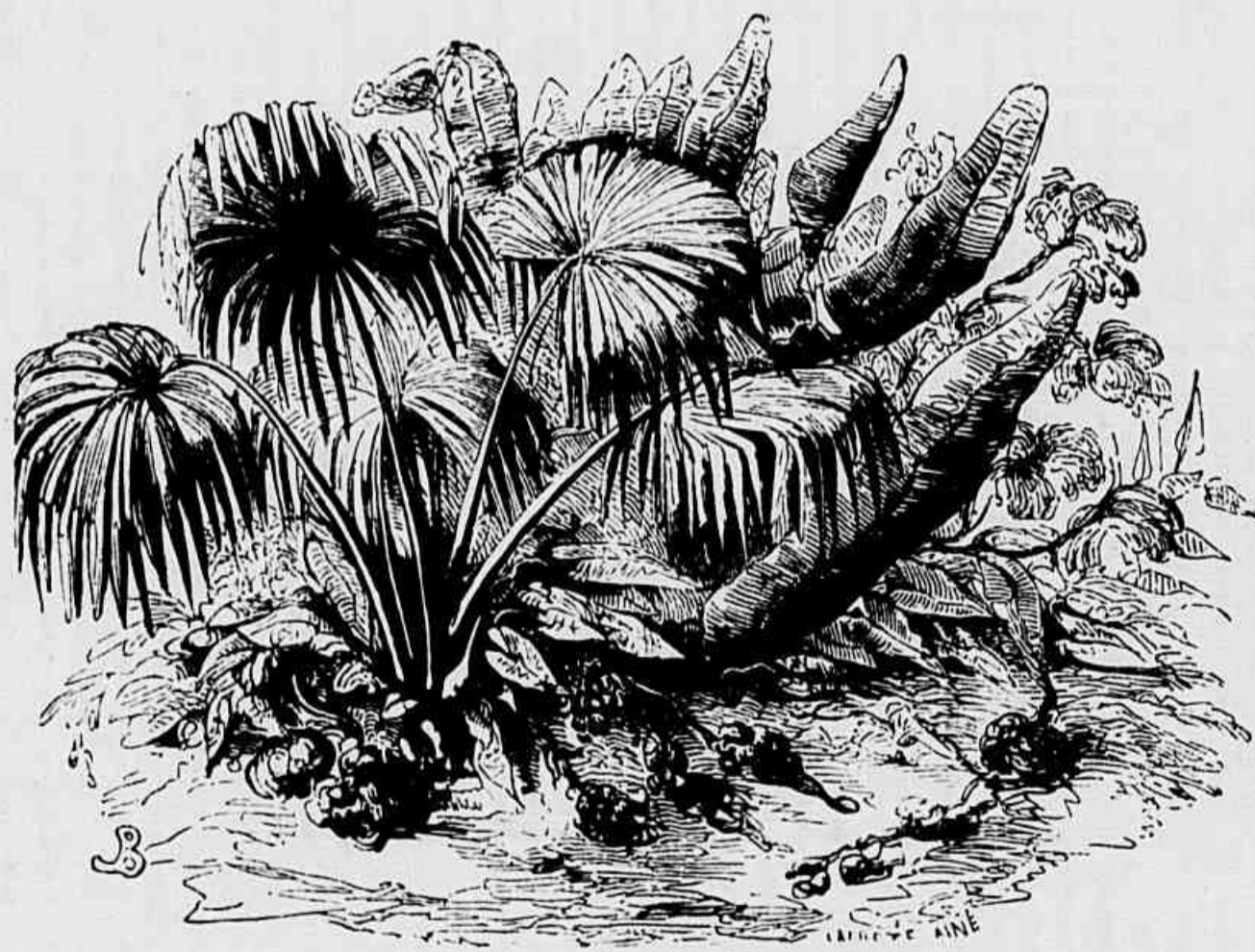
XIV

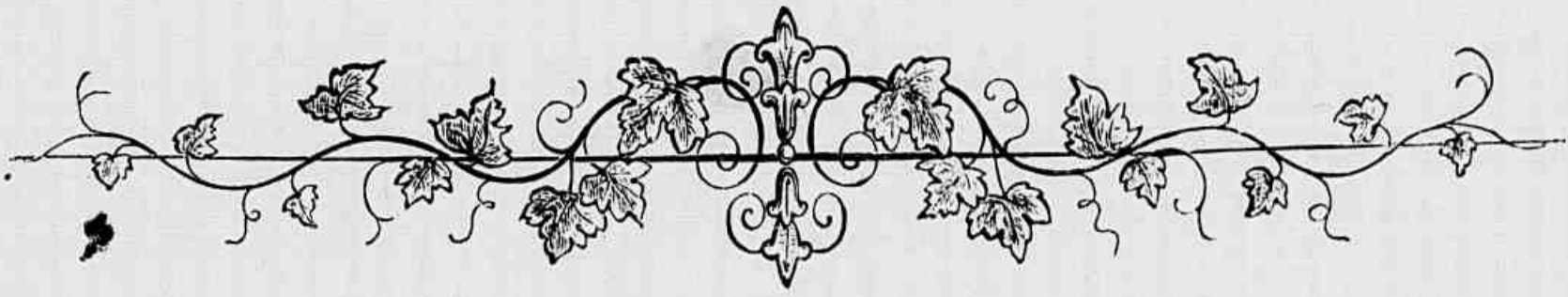
Pedro chegou ao seu destino, e sentio uma felicidade inexplicavel quando se achou nos braços de sua familia, e poudo respirar o ar puro e benefico das affeições legitimas e santas do coração.

Mas quando hoje alguem lhe falla neste episodio de sua vida, cora de vergonha e de pejo, e diz a seus amigos :

— Quem está livre no mundo de encontrar um ASPIDE NUMA FLOR?

STELLO.





VIRGINIUS

NARRATIVA DE UM ADVOCADO

I



ão me correo tranquillo o S. João de 185...

Duas semanas antes do dia em que a Igreja celebra o evangelista, recebi pelo correio o seguinte bilhete, sem assignatura e de letra desconhecida:

« O Dr. *** é convidado a ir á villa de... tomar
« conta de um processo. O objecto é digno do ta-
« lento e das habilitações do advogado. Despezas e
« honorarios ser-lhe-hão satisfeitos anticipadamente, mal pozer pé no estribo.
« O réo está na cadeia da mesma villa e chama-se Julião. Note que o Dr. é con-
« vidado a ir defender o réo. »

Li e reli este bilhete; voltei-o em todos os sentidos; comparei a letra com todas as letras dos meus amigos e conhecidos... Nada pude descobrir.

Entretanto, picava-me a curiosidade. Luzia-me um romance através d'aquelle mysterioso e anonymo bilhete. Tomei uma resolução definitiva. Ultimei uns negocios, dei de mão outros, e oito dias depois de receber o bilhete tinha á porta um cavallo e um camarada para seguir viagem. No momento em que me dispunha a sahir, entrou-me em casa um sujeito desconhecido, e entregou-

me um rolo de papel contendo uma avultada somma, importancia approximada das despezas e dos honorarios. Recusei apezar das instancias, montei a cavallo e parti.

Só depois de ter feito algumas leguas é que me lembrei de que justamente na villa a que eu ia morava um amigo meu, antigo companheiro da academia, que se votára, oito annos antes, ao culto da deosa Ceres, como se diz em linguagem poetica.

Poucos dias depois apeava eu á porta do referido amigo. Depois de entregar o cavallo aos cuidados do camarada, entrei para abraçar o meu antigo companheiro de estudos, que me recebeu alvoroçado e admirado.

Depois da primeira expansão, apresentou-me elle á sua familia, composta de mulher e uma filhinha, esta retrato d'aquella, e aquella retrato dos anjos.

Quanto ao fim da minha viagem, só lh'o expliquei depois que me levou para a sala mais quente da casa, onde foi ter comigo uma chavena de excellente café. O tempo estava frio; lembro que estavamos em junho. Envolvi-me no meu capote, e a cada gotta de café que tomava fazia uma revelação.

— A que vens? a que vens? perguntava-me elle.

— Vais sabe-lo. Creio que ha um romance para deslindar. Ha quinze dias recebi no meu escriptorio, na còrte, um bilhete anonymo em que se me convidava com instancia a vir a esta villa para tomar conta de uma defesa. Não pude conhecer a lettra; era desigual e tremula, como escripta por mão cansada...

— Tens o bilhete contigo?

— Tenho.

Tirei do bolso o mysterioso bilhete e entreguei-o aberto ao meu amigo. Elle, depois de lê-lo, disse:

— É a lettra de *Pai de todos*.

— Quem é *Pai de todos*?

— É um fazendeiro d'estas paragens, o velho Pio. O povo dá-lhe o nome de *Pai de todos*, porque o velho Pio o é na verdade.

— Bem dizia eu que ha romance no fundo!... Que faz esse velho para que lhe dêm semelhante titulo?

— Pouca cousa. Pio é, por assim dizer, a justiça e a caridade fundidas em uma só pessoa. Só as grandes causas vão ter ás autoridades judicarias, policiaes ou municipaes; mas tudo o que não sahe de certa ordem é decidido na fazenda de Pio, cuja sentença todos acatão e cumprem. Seja ella contra Pedro ou contra Paulo, Paulo e Pedro submettem-se, como se fôra uma decisão divina. Quando dous contendores sahem da fazenda de Pio, sahem amigos. É caso de consciencia adherir ao julgamento de *Pai de todos*.

— Isso é como juiz. O que é elle como homem caridoso?

— A fazenda de Pio é o asylo dos orphãos e dos pobres. Ali se encontra o que é necessario á vida : leite e instrucção ás crianças, pão e socego aos adultos. Muitos lavradores nestas seis leguas crescêrão e tiverão principio de vida na fazenda de Pio. É a um tempo Salomão e S. Vicente de Paulo.

Enguli a ultima gotta de café, e fitei no meu amigo olhos incredulos.

— Isto é verdade? perguntei.

— Pois duvidas?

— É que me dóe sahir tantas leguas da côrte, onde esta historia encontraria incredulos, para vir achar neste recanto do mundo aquillo que devia ser commum em toda a parte.

— Põe de parte essas reflexões philosophicas. Pio não é um mytho : é uma creatura de carne e osso; vive como vivemos; tem dous olhos, como tu e eu...

— Então esta carta é d'elle?

— A letra é.

— A fazenda fica perto?

O meu amigo levou-me á janella.

— Fica d'aqui a um quarto de legua, disse. Olha, é por detrás d'aquelle morro.

Nisto passava por baixo da janella um preto montado em uma mula, sobre cujas ancas saltavão duas canastras. O meu amigo debruçou-se e perguntou ao negro :

— Teu senhor está em casa?

— Está, sim, Sr.; mas vai sahir.

O negro foi caminho, e nós sahimos da janella.

— É escravo de Pio?

— Escravo é o nome que se dá; mas Pio não tem escravos, tem amigos. Olhão-o todos como se fôra um Deos. É que em parte alguma houve nunca mais brando e cordial tratamento a homens escravizados. Nenhum dos instrumentos de ignominia que por ahi se applicão para corrigi-los existem na fazenda de Pio. Culpa capital ninguem commette entre os negros da fazenda; a alguma falta venial que haja, Pio applica apenas uma reprehensão tão cordial e tão amiga, que acaba por fazer chorar o delinquente. Ouve mais : Pio estabeleceo entre os seus escravos uma especie de concurso que permite a um certo numero libertar-se todos os annos. Acreditarás tu que lhes é indifferente viver livres ou escravos na fazenda, e que esse estimulo não decide nenhum d'elles, sendo que, por natural impulso, todos se portão dignos de elogios?

O meu amigo continuou a desfiar as virtudes do fazendeiro. Meu espirito apprehendia-se cada vez mais de que eu ia entrar em um romance. Finalmente

o meu amigo dispunha-se a contar-me a historia do crime em cujo conhecimento devia eu entrar d'ahi a poucas horas. Detive-o.

— Não, disse-lhe, deixa-me saber de tudo por bocca do proprio réo. Depois compararei com o que me contarás.

— É melhor. Julião é innocente...

— Innocente?

— Quasi.

Minha curiosidade estava excitada ao ultimo punto. Os autos não me tinham tirado o gosto pelas novellas, e eu achava-me feliz por encontrar no meio da prosa judiciaria, de que andava cercado, um assumpto digno da penna de um escriptor.

— Onde é a cadeia? perguntei.

— É perto, respondeo-me; mas agora é quasi noite; melhor é que descanses; á manhã é tempo.

Attendi a este conselho. Entrou nova porção de café. Tomámo-lo entre recordações do passado, que muitas erão. Juntos vímos florescer as primeiras illusões, e juntos vímos dissiparem-se as ultimas. Havia de que encher, não uma, mas cem noites. Aquella passou-se rapida, e mais ainda depois que a familia toda veio tomar parte em nossa intima confabulação. Por uma excepção, de que fui causa, a hora de recolher foi a meia noite.

— Como é doce ter um amigo! dizia eu pensando no conde de Maistre, e retirando-me para o quarto que me foi destinado.

II

No dia seguinte, ainda vinha rompendo a manhã, já eu me achava de pé. Entrou no meu quarto um escravo com um grande copo de leite tirado minutos antes. Em poucos goles o devorei. Perguntei pelo amigo; disse-me o escravo que já se achava de pé. Mande-o chamar.

— Será cedo para ir á cadeia? perguntei mal o vi assomar á porta do quarto.

— Muito cedo. Que pressa tamanha! É melhor aproveitarmos a manhã, que está fresca, e irmos dar um passeio. Passaremos pela fazenda de Pio.

Não me desagradou a proposta. Acabei de vestir-me e sahimos ambos. Duas mulas nos esperavão á cancella, expertas e desejosas de trotar. Montámos e partimos.

Tres horas depois, já quando o sol dissipára as nuvens de neblina que cobrião os morros como grandes lençóes, estavamos de volta, tendo eu visto a

bella casa e as esplendidas plantações da fazenda do velho Pio. Foi este o assumpto do almoço.

Em fim, dado ao corpo o preciso descanso, e alcançada a necessaria licença, dirigi-me á cadeia para fallar ao réo Julião.

Sentado em uma sala onde a luz entrava escassamente, esperei que chegasse o mysterioso delinquente. Não se demorou muito. No fim de um quarto de hora estava diante de mim. Dous soldados ficarão á porta.

Mandei sentar o preso, e, antes de entrar em interrogatorio, empreguei uns cinco minutos em examina-lo.

Era um homem trigueiro, de mediana estatura, magro, debil de forças phisicas, mas com uma cabeça e um olhar indicativos de muita energia moral e alentado animo.

Tinha um ar de innocencia, mas não da innocencia abatida e receiosa; parecia antes que se glorificava com a prisão, e affrontava a justiça humana, não com a impavidez do malfeitor, mas com a d'aquelle que confia na justiça divina.

Passei a interroga-lo, começando pela declaração de que eu ia para defende-lo. Disse-lhe que nada occultasse dos acontecimentos que o levarão á prisão; e elle, com uma rara placidez de animo, contou-me toda a historia do seu crime.

Julião fôra um d'aquelles a quem a alma caridosa de Pio dera sustento e trabalho. Suas boas qualidades, a gratidão, o amor, o respeito com que fallava e adorava o protector, não ficarão sem uma paga valiosa. Pio, no fim de certo tempo, deo a Julião um sitio que ficava pouco distante da fazenda. Para lá fôra morar Julião com uma filha menor, cuja mãe morrêra em consequencia dos acontecimentos que levarão Julião a recorrer á protecção do fazendeiro.

Tinha a pequena sete annos. Era, dizia Julião, a mulatinha mais formosa d'aquellas dez leguas em redor. Elisa, era o nome da pequena, completava a trindade do culto de Julião, ao lado de Pio e da memoria da mãe finada.

Laborioso por necessidade e por gosto, Julião bem de pressa vio fructificar o seu trabalho. Ainda assim não descansava. Queria, quando morresse, deixar um peculio á filha. Morrer sem deixa-la amparada era o sombrio receio que o perseguia. Podia acaso contar com a vida do fazendeiro esmoler?

Este tinha um filho, mais velho tres annos que Elisa. Era um bom menino, educado sob a vigilancia de seu pai, que desde os tenros annos inspirava-lhe aquelles sentimentos a que devia a sua immensa popularidade.

Carlos e Elisa vivião quasi sempre juntos, naquella communhão da infancia que não conhece desigualdades nem condições. Estimavão-se de veras, a ponto

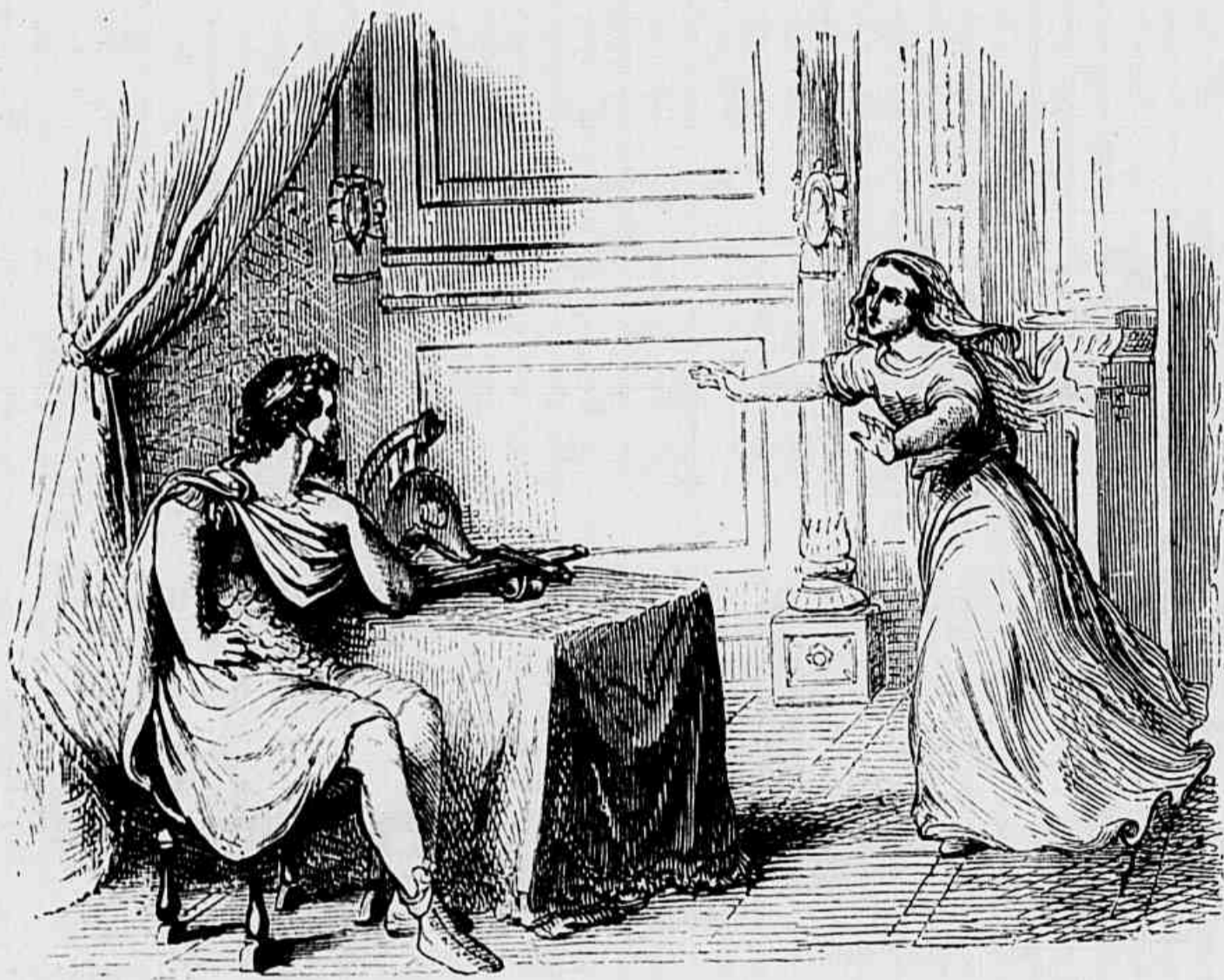
de sentirem profundamente quando foi necessario a Carlos ir cursar as primeiras aulas.

Trouxe o tempo as divisões, e annos depois, quando Carlos apeou á porta da fazenda com uma carta de bacharel na algibeira, uma esponja se passára sobre a vida anterior. Elisa, já mulher, podia avaliar os nobres esforços de seu pai, e concentrára todos os affectos de sua alma no mais respeitoso amor filial. Carlos era homem. Conhecia as condições da vida social, e desde os primeiros gestos mostrou que abysmo separava o filho do protector da filha do protegido.

O dia da volta de Carlos foi dia de festa na fazenda do velho Pio. Julião tomou parte na alegria geral, como toda a gente, pobre ou remediada, dos arredores. E a alegria não foi menos pura em nenhum : todos sentião que a presença do filho do fazendeiro era a felicidade commum.

MACHADO DE ASSIS.

— *Continuar-se-ha.* —





HISTORIA

SUSANA A CASTA

I



a ainda o tempo do captiveiro de Babylonia, ainda ás margens do Euphrates gemião saudades os filhos de Sião.

Em casa de Joaquim reunia-se o conselho dos anciãos, e ahi deliberavão sobre os negocios dos filhos de Israel.

Ao menos, em meio da escravidão que contra elles pesava, em meio do ruido das algemas que lhes pendião dos pulsos, tinham esse lenitivo ás penas.

Podião erguer a voz queixosa, e achar vozes compassivas e consoladoras que respondessem ás suas.

E nada consola mais, na amargura da dôr, na desolação do coração, no confranger do peito, do que ver que procura derramar o balsamo na ferida que sangra aquelle que tambem ulcerado tem o coração.

Sabem-no todos, ninguem consola com mais efficacia do que aquelle que tambem carece de consolação e de refrigerio.

São doces, na desgraça, as palavras soluçadas pela dôr; é bem suave a lagrima que se mistura á lagrima.

Mas entre aquelles anciãos que formavão o conselho dos Israelitas na terra do captiveiro, nem em todos o soffrimento havia purificado o coração.

É que tambem a desgraça embota ás vezes a alma; é que tambem ás vezes se endurece o coração ao açoutar violento dos soffrimentos e das dôres.

E mais perverso é assim o coração, e mais crimosas as ideias que o espirito concebe, e mais satanicas as paixões e os planos que o genio das trevas lhe inspira.

Formosa e casta como a açucena dos prados orvalhada pelo rocio do céo era Susana, a mulher de Joaquim.

Tão pura, tão casta era, que nem mesmo a subtil maledicencia ousára sonhar calumnias, nem de leve embaciar-lhe a candidez das vestes.

Amava-a o esposo com aquelle amor santo que a virtude inspira; amava-a os famulos, porque a virtude inspira amor a corações não cahidos nas profundidades do crime.

D'entre os anciãos do conselho, dous erguêrão olhos de concupiscencia para a mulher de Joaquim.

Querião manchar a candidez de sua fronte ao contacto impuro de seus labios infames. Ardião os miseros nas chammias da concupiscencia, e sem se inquietarem com o mundo, e sem se importarem com Deos, pretendião emmurchecer aquella flor tão linda, como cresta a ventania do norte os lirios que esmaltao a verdura das campinas.

E notavão ambos que, ao retirar-se o conselho, costumava Susana ir passear no parque e internar-se pelas alamedas sombrias e solitarias.

Olhos de profanos não a vião; que densas arvores sombreavão o parque, e grossas muralhas o rodeavão.

E só, e a scismar tristezas — que outra cousa não se lembravão de scismar os captivos filhos de Sião —, ao descahir da tarde, procurava Susana os mais reconditos lugares do parque.

Ali, em face do céo, ao ruido das aguas do Euphrates, ao susurro das arvores, erguia a pobre desterrada o coração ao Deos de Abrahão, e em oração fervorosa, em que muitas vezes lhe vinhão as lagrimas a arrasar os olhos, pedia a Jehovah o termo do captiveiro do seu povo.

Era uma tarde... linda como as tardes do Oriente depois de um dia abraçado pela calma.

Por entre as collinas havia desaparecido o sol, e nuvens recamadas de ouro circumdavam como uma vasta faixa, como uma larga franja, o azul do firmamento.

A briza oriental brincava nas folhas dos arvoredos, e lá ao longe, bem ao longe, vião-se os bandos de Israelitas que voltavão fatigados do trabalhar do dia.

E como sempre, e com a tristeza a pallidejar-lhe o semblante, sahio Susana, buscando á meditação o abrigo do recolhimento e do silencio.

.

Havia terminado o conselho, e graves e silenciosos tinhão-se retirado os anciãos.

Com elles tambem forão os dous que cubiçavão Susana. Um não suspeitava o designio do outro; mas a ambos insufflava o inferno.

Tiverão a mesma ideia: voltárão por caminhos diversos, e encontrarão-se ambos no jardim de Joaquim.

Quizerão furtar-se aos olhos um do outro; quizerão ambos recuar; mas não: soprou-lhes o inferno diabolica inspiração, e, rindo-se ambos, derão-se mutuamente as mãos.

E segredárão por alguns momentos, e depois dirigirão-se juntos para o lugar em que se achava Susana.

Linda como um sorriso suave desprendido do céu, meio reclinada sobre a herva macia do prado, lia Susana, aos ultimos reflexos do crepusculo da tarde, as paginas santamente inspiradas do livro de Moysés.

De repente ergue os olhos, estremecendo, como se alguma cousa lhe houvera interrompido o silencio da meditação, e encara os velhos, que mudos a contemplavão.

Com o sorriso nos labios, se dirige a elles; que bem longe estava de pensar no pensamento damnado que lhes revolvía a mente.

Erão anciãos de Israel, erão doutores da lei, erão amigos de seu esposo: que mal d'elles pensaria Susana?

Para ella tambem se dirigirão os velhos, e susurrárão-lhe aos ouvidos não sei que palavras, não sei que vozes do inferno.

Devião de ser bem satanicas!... Ouvindo-as, fez a pobre mulher um gesto de horror, estendeo os braços, procurou correr; mas, faltando-lhe as forças, curvou o corpo, dobrou os joelhos, e cahio hirta e fria como um cadaver aos pés do miseraveis.

— Vós! vós! os anciãos de Israel! gemeo a mesquinha... vós, os amigos e os companheiros de meu esposo!... Mas não, não podeis ser tão infames, expondes-me á prova, não é assim?... Ah! dizei-o! dizei-o por piedade!...

— Pois bem; então a infamia, murmurárão os dous, então a maldição do esposo, o desprezo da familia, a vingança da lei, a morte da adúltera...

— Sim, a morte, a morte antes, mas não o olvido dos deveres, mas não o pungir doloroso da consciencia, o grito dilacerante do remorso... Esse, tê-lo-heis vós, vós... os anciãos de Israel... vós!...

— Maldição pois e infamia contra ti! bradão os velhos.

E alçando a voz rouquenha, prorompem em gritos, a que pressurosos aco-dem os famulos.

Com os joelhos em terra ainda se achava Susana. Parecia abysmada ao peso da vergonha.

Era a innocencia que vergava a fronte ante a accusação cynica do crime. Deos, porém, lá do céo olhava para essas miserias cá da terra.

E ambos disserão :

— É adúltera esta mulher : nós a apanhámos em flagrante... Levai-a, para que a lei lhe vingue o crime.

Não querião acreditar os famulos... Susana adúltera! . . ella!...

Era impossivel!

Entretanto accusavão-a dous anciãos de Israel.

— Nós a vímos, nós a apanhámos em flagrante... é adúltera!...

I

Na vasta sala em que se reúne o conselho açhão-se já os anciãos de Israel. Em meio d'elles, como juizes tambem, os dous que contra Susana havião erguido a voz accusadora.

Parecia, olhando-os, que bem pura tinham a consciencia, que lhes não pun-gia a alma o dente agudo do remorso. Entretanto, quem com attenção os olhasse perceberia, através da limpidez dos olhos, da tranquillidade do sem-blante, que de vez em quando tremor nervoso lhes agitava os membros, e por sobre os olhos ligeira nuvem a perpassar sinistra.

Compacta enchia a multidão o tribunal, e lamentavão todos tão imprevisto acontecimento.

Chegou Susana. Denso véo negro lhe occultava a pallidez das faces; e, como cadaver movido por occulta mola, cahio, que não poude assentar-se no pe-queno escabello que lhe fôra indicado.

E um susurro de dó e um murmurio de compaixão prorompeo unisono de todos aquelles labios, de todos aquelles peitos, que não a acreditavão crimi-nosa.

É que a innocencia tem vozes, tem gestos, tem gritos, tem soluços que se

não podem confundir com as vozes e os gestos e os gritos e os soluços do crime.

É que a voz unanime de um povo, quando se ergue para proclamar a innocencia ou apontar o crime, é a voz do céu pelos labios do povo.

E fallarão os velhos.

— Vimos e damos fé, vimos a mulher de Joaquim em flagrante delicto de adulterio... Por nossos labios se manifesta a verdade, e em nome de Deos, e em nome da lei de nossos pais, nós a condemnamos á morte.

E um a um disserão os juizes :

— Em nome de Deos, em nome da lei de nōssos pais, condemnamos a adultera á morte.

E a multidão murmurou tambem :

— Em nome de Deos, em nome da lei de nossos pais, seja a adultera condemnada á morte.

D'entre a multidão porém echoou estridente e sonora uma voz.

Era Daniel quem fallava.

Daniel, o mais sabio entre todos os Israelitas; Daniel, que, ainda no verdor dos annos, conhecia já os segredos mysteriosos do livro do futuro.

— Sou innocente, gritou, do sangue d'esta mulher, juizes de Israel!

Subita pallidez invadio o semblante dos dous velhos.

Ah! naquella voz que tão intempestiva se erguia, que tão estridente echoava, como voz de fantasma em meio da noite, ouvião o bramir ameaçador da tempestade que se approximava, e o ruido do trovão que traz o raio.

— O que dizes? perguntão os anciãos.

Destacando-se da multidão, e apresentando-se em frente do tribunal, assim continua Daniel :

— Como sem provas ides condemnar esta mulher? Como ides manda-la ao supplicio sem plena convicção de seu crime? Como assim barateais a vida das filhas de Israel? Repito-vos, juizes, sou innocente do sangue d'esta mulher!

E a multidão applaudio as palavras de Daniel.

— Não se dirá, fallarão os juizes, que condemnamos á morte a quem talvez não seja criminosa. Não se nos lançará á face o sangue da innocencia. Outorgou-te o Senhor a sabedoria; vem pois sentar-te entre nós, e julga-a como se fôras juiz de Israel.

E a multidão applaudio as palavras dos anciãos.

Em meio d'elles sentou-se Daniel.

— Quem accusa esta mulher?

— Nós, disserão os velhos.

— Bem... Não podeis ser juizes do seu crime : sois os seus denunciantes.

E a um signal de Daniel erguêrão-se os velhos, deixando as cadeiras de juizes.

Fè-los separar o moço israelita, e, chamando a cada um por sua vez, perguntou-lhes :

— Se apanhastes Susana em adulterio no jardim de seu esposo, dizei-nos sob que arvore.

— Sob um lentisco, disse um dos velhos.

E feita igual pergunta ao outro :

— Sob um carvalho, respondeo.

Então ergueo-se Daniel.

— Ouvistes, juizes; condemnão-se os miseraveis por suas proprias palavras... Ergue-te, victima innocente da calumnia; ergue a fronte pura e casta. Que tens a temer dos esplendores do sol?... Não és pura e immaculada como a rosa aos primeiros reflexos da luz matutina?

E com a fronte abatida, os cabellos hirtos, e o suor a cahir em bagas pelas faces lividas, tremião os velhos.

E a multidão vociferava :

— Seção punidos com a pena que querião infligir á innocente!... Seção apedrejados os infames, os calumniadores, os embusteiros!...

— Seção apedrejados, disserão os juizes.

PADRE FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA.





MOSAICO

RIO DE JANEIRO ANECDOTICO

**COLHEITA DE BONS DITOS, REPENTES FELIZES E PILHERIAS
MAIS OU MENOS CHISTOSAS**

UMA SENHORA COM SUAS FILHAS DENTRO DE UM CARRO, ACOMPANHADAS DE UM
CRIADO-CAVALLEIRO.



cavalleiro começa a saborear o seu charuto habaneiro, ou antes hamburguez.

— O Sr. fuma dentro do carro? pergunta ella muito admirada.

— E porque não, minha Sra.? diz o delicadissimo cavalleiro.

— Não vão, observa a senhora, não vão pensar que o carro é a vapor?

★ ★

Um director de collegio tem um discipulo já barbado, com quem não poderão os parentes, e que anda sempre ao revéz dos bons e prudentes conselhos de seu mestre.

O director, cansado de ralhar, lhe observa um dia que bem reza o proverbio que diz : Pai não conheceste, mãe não temeste, diabo te fizeste.

— Pois ainda espero emendar-me, diz o discipulo, porque tambem tenho um proverbio a meu favor.

— Como? pergunta o mestre.

— O diabo, responde elle, se fez homem de bem quando ficou velho.

* *

Um roceiro entra numa loja de fazendas.

— Tem chapéo que me sirva? pergunta elle ao freguez.

— Tenho tafetá, responde o caixeiro com ar aparentemente serio, mas na verdade gracejador.

— Deixe-me cá ver.

O caixeiro apresenta uma peça de tafetá.

— Corte-me um covado, diz o roceiro.

O caixeiro lhe satisfaz o pedido, e o roceiro cobre a cabeça com o tafetá, cujas pontas lhe cahem como um véo pela cara abaixo; tira-o depois e arremessa-o sobre o balcão.

— Não me serve, ajunta elle; tem as abas muito molles.

E põe-se ao fresco, deixando o caixeiro mystificado.

* *

NEGOCIANTE VELHO E NEGOCIANTE NOVO.

— Vm., diz o velho ao novo, tem animo; atira-se muito; mette-se em empresas altas; mas olhe que quem nada mais fóra mais fundo se afoga.

— Lá por isso, não, repelle o novo, porque quem é infeliz na cama quebra o nariz.

* *

Certo sujeito, porque passa por poeta, porque usa de oculos, e porque anda sempre carregado de livros, é geralmente tido e havido e tratado por *doutor*.

— V^a. S^a. é mesmo doutor? pergunta-lhe uma moça.

— Não, minha Sra., responde elle.

— Como é então que todo o mundo o tem por doutor?

— Ah! exclama elle, é alcunha que me pozerão.

* *

Dous amigos moços encontrão-se na rua da Quitanda, junto do escriptorio das loterias.

— Já sei, diz um d'elles, já sei que andas vendo as pequenas!

-- Que aleive! exclama o outro; o que eu ando, é atrás da grande!

* *

MÃI E PAI, IRMÃOS E IRMÃAS.

- Mamã, acuda, grita uma das filhas, que papai está dando nos manos.
 — Não posso, minha filha, responde a mãe, que lá diz o proverbio que entre pai e irmãos não mettas as mãos.

* *

- Um cavalleiro apresenta-se com seu pagem na ponte das barcas Ferrys.
 — Quanto custa, pergunta elle, um bilhete para mim?
 — É de primeira classe, diz o bilheteiro, e custa 120 reis.
 — E para meu pagem?
 — É de segunda classe, responde ainda o bilheteiro, e tem de pagar 60 reis.
 — E o meu cavallo?
 — O cavallo, Sr., paga 500 reis.
 — Quinhentos reis! exclama o cavalleiro. Pois olhe que pela regra não devia pagar mais do que 50 reis!

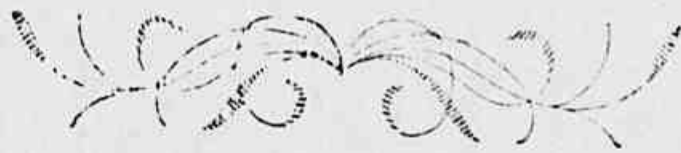
* *

Um marido muito ciumento leva todo o santo dia na janella, e não consente que a pobre esposa venha ao menos ver passar os omnibus.

Um amigo, que vai pelo outro lado da rua, o comprimenta symbolicamente.

- Então, pergunta elle, porque passas de largo?
 — Porque sou amigo, responde-lhe o transeunte, e vossê é a sentinella.
 — Pois chegue á falla, brada-lhe elle.
 — Mande primeiro formar a guarda, responde ainda o amigo.
 A sentinella faz que não percebe, e a amigo passa de largo.

JONOR ACHIMBERT.





A. Carrache

Paletó Fadette

A Florida

Capa Duqueza

H. L. L.
Maison Imp. St. Louis en Ville en Paris

Manta Isabel

JORNAL DAS FAMILIAS

Julho 1864



MODAS

DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

1º FIGURINO. — *Paletó Fadette*, de panno de lã de camelo, còr de Havana, ornado com passamanaria da mesma còr; mangas estreitas e de cotovello. Este modelo faz-se tambem de tafetá. Chapéo de escumilha branca, com fundo molle de filó; fitas azues e grinalda de flores debaixo da *passé*.

2º FIGURINO. — *Capa Florida*, de panno leve cinzento claro. Leva na roda uma tira de tafetá avivada, guarnecida com botões de passamanaria. Em cima, no meio das costas e em cada frente, leva uma ponta de tafetá ornada da mesma maneira, tudo de còres irmanadas. Este vestuario é de muito bom gosto. Chapéo de clina, guarnecido de um *tuyauté* de tafetá com franja de azeviche; galho de rosas no lado.

3º FIGURINO. — *Capa Duqueza*, de seda preta; é de um feitio largo e gracioso. As frentes são semelhantes ás de um paletó. Nas costas tres grandes pregas prendem-se por baixo de uma pequena murça de ponta. A guarnição compõe-se de passamanaria e de *guipure*. Póde-se tornar esta capa mais rica, fazendo-se com *guipure* toda a murça. Chapéo de tafetá còr de rosa, com fundo molle de filó branco; plumas encrespadas brancas levemente tintas de còr de rosa, e blonde branca; no lado, pequenos galhos de urze còr de rosa e branca.

4º FIGURINO. — *Manta Isabel*, de tafetá preta, ornada de fôfos, com tiras de velludo postas por cima de distancia em distancia. Chapéo redondo de palha de Italia; pennacho de pennas de pavão, e comprida pluma branca encrespada cahindo sobre a *calotte*.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

Molde do paletó Fadette. — Este modelo, que se acha no nosso figurino, faz-se quer de tafetá, quer de panno leve. O molde compõe-se de quatro partes : as costas (nº 1), cuja metade damos ; a frente (nº 2) ; o pequeno lado (nº 3), e a manga (nº 4). Ajuntão-se estas differentes partes por meio das letras de signal.

Molde de vestido de baptisado. — Este vestido faz-se de *nansouk* fino. O bordado da saia acha-se no *recto* da estampa. O mesmo desenho repete-se em ponto mais pequeno nas costas (nº 5), na frente (nº 6), e na manga. A manga é que forma a hombreira. Acrescenta-se uma bertha (nº 9), que se colloca como suspensorios no corpinho, na frente e nas costas.

Molde de vestido de boneca. — Este lindo vestidinho faz-se de fustão branco, com trancelim de côr. O molde compõe-se de cinco partes : a frente (nº 11), as costas (nº 12), a manga (nº 13), o canhão da manga (nº 14), e a bertha (nº 15). A vista do vestidinho (nº 10) indica o modo de collocar-se a bertha no corpinho ; forma-se a manga com um grande fôfo, por cima do qual põe-se o canhão.

Nº 16. --- Desenho de trancelim para a roda do vestido de boneca.

Nº 17. — *Felicidade.* Nome, de cordãozinho.

Nº 18. — Baixo de alva ou de toalha de altar em applicação de *nansouk* sobre filó grosso de malhas redondas. Póde-se tambem bordar o desenho sobre filó em ponto de *guipure*.

Nº 19. — *Virginia.* Nome, de cordãozinho dobrado e *point de poste*, com ilhozes.

Nº 20. — *C. B.* Iniciaes para marcar lençoes. Ponto de recôrte.

TRABALHOS

BOLSA DE CROCHET. Nº 4.

Materiaes. — Retroz de Berlim, encarnado Solferino, preto e côr de milho, uma meitada de cada côr. Deve sobejar bastante retroz para fazerem-se tres borlas.

Cumpre fazer tres malhas com o retroz côr de milho; entra-se o *crochet* na 1^{ra}, e fazem-se 5 carreiras lisas, depois uma 4^a alternada de 2 malhas côr de milho e de 2 malhas Solferino. Nesta 4^a carreira deve-se ter 24 malhas.

5^a e 6^a *Carreiras*. — Solferino, continuando os augmentos; não é necessario que sejam regulares.

7^a *Carreira*. — 2 m. milho, 5 m. Solferino, 2 m. milho, 5 m. Solferino, etc.

8^a *Carreira*. — 1 m. milho sobre a ultima Solferino que fica por baixo, 2 m. pretas sobre uma m. milho, 5 Solferino, e torna-se a fazer 1 m. milho sobre a ultima Solferino.

9^a *Carreira*. — Da mesma maneira, fazendo-se 4 m. Solferino em lugar de 5.

10^a *Carreira*. — Da mesma maneira, com 5 m. Solferino em lugar de 4.

11^a *Carreira*. — 1 m. milho *, 1 m. preta, 1 m. milho, 1 m. Solferino, 1 m. milho *, etc.

12^a *Carreira*. — * 2 m. milho sobre as milho e preto, 1 m. Solferino, 1 m. milho, 5 m. Solferino *, etc.

15^a *Carreira*. — 5 m. milho, 8 m. Solferino, 5 m. milho, 8 m. Solferino, etc. Fazem-se mais duas carreiras de Solferino, e deixa-se de augmentar.

16^a *Carreira*. — Toda côr de milho.

17^a e 18^a *Carreiras*. — Alternadas de 2 m. milho e 2 m. pretas.

19^a *Carreira*. — Toda côr de milho.

20^a *Carreira*. — Solferino.

21^a *Carreira*. — 7 m. Solferino, 1 m. milho.

22^a *Carreira*. — 5 m. Solferino sobre as 7 precedentes, 1 m. milho, 2 m. pretas, 1 m. milho, 5 m. Solferino, etc.

25^a e 24^a *Carreiras*. — Como a 22^a.

25^a *Carreira*. — 1 m. milho sobre a malha da carreira precedente, 1 m. preta, 1 m. milho, 2 m. Solferino, 1 m. milho, 2 m. Solferino, e torna-se a principiar.

26^a *Carreira*. — * 2 m. milho sobre a preta e a côr de milho, 2 m. Solferino, 1 m. milho, 5 Solferino *, etc.

27^a *Carreira*. — * 5 m. milho sobre a ultima milho e as 2 Solferino precedentes, 6 m. Solferino *, etc.

28^a *Carreira*. — Toda Solferino. Torna-se a fazer desde a 16^a carreira até a 28^a, e mais ainda desde a 16^a até a 19^a. Fazem-se depois 5 carreiras Solferino, 1 côr de milho, e conclue-se com 6 carreiras com abertos desencontrados de 2 em 2 malhas; tudo Solferino. Em fim uma ultima carreira de 2 *barrettes* simples, 2 malhas, 2 *barrettes* no mesmo aberto; passa-se um, e torna-se a fazer o mesmo no outro aberto; esta ultima carreira é côr de milho.

Esta bolsa acha-se desenhada em tamanho maior do que o natural, para poder-se ver com mais clareza o risco; mas se se fizer com retroz de Berlim, conforme a nossa explicação, não será maior do que uma bolsa ordinaria. Augmentando-se o numero das malhas indicadas, poder-se-ha fazer uma bolsa para tabaco. Enfia-se, na primeira das carreiras abertas, um cordãozinho de seda que leva borlas nas pontas. Caso se fizer uma bolsa para tabaco, dever-se-ha forrar o interior com pellica de gamo.

ROUPINHA E TOUCA PARA CRIANÇA. N.º 6 E 7.

Damos estes pequenos modelos, que são de facil execução, para attender a varios pedidos. Fazem-se ambos em ponto de *crochet tunisien* aberto, chão branco e beiras azues, com lã de Saxonia de cinco fios; e convem para crianças de seis mezes até um anno.

A touquinha compõe-se de tres partes, que se fazem separadas.

Para a parte do meio fazem-se 21 malhas *chainettes*, depois uma carreira de *crochet tunisien* ordinario; na carreira seguinte, entra-se sempre o *crochet*, não na malha vertical, porém dentro de cada aberto entre estas malhas, debaixo da *chaînette* superior da ultima carreira. Na volta, fazem-se cair as malhas absolutamente como no *crochet tunisien* ordinario. Qualificaremos de *uma carreira* estas duas ordens, uma das quaes faz-se da direita para a esquerda, e a outra da esquerda para a direita. A parte do meio forma uma tira direita de 26 carreiras.

Para o lado direito, fazem-se 22 malhas *chainettes* *, depois uma carreira de *crochet tunisien* ordinario, e 17 de *crochet tunisien* aberto; diminue-se de uma malha no principio de cada uma das 7 primeiras carreiras.

Faz-se o mesmo para o lado esquerdo; sómente, em lugar de fazerem-se no principio, as diminuições fazem-se no fim das 7 ultimas carreiras. Reune-se cada um dos lados com a parte do meio por um ponto de *crochet* simples com lã azul.

Para a guarnição, toma-se uma forma chata de buxo, de dous centímetros de largura, e faz-se uma franja atada com lã zephyro branca. Em cada argola da franja faz-se uma malha simples um pouco larga com lã zephyro azul. Cose-se uma dobrada carreira de franjas ao redor da touca, franzindo-se um pouco nos cantos para bem formar a volta. Para amarrar a touca fazem-se cordões de lã branca com borlas azues nas pontas, e enfia-se um cordão na carreira aberta immediatamente por cima da guarnição, para apertar a touca atrás.

Para a roupinha, faz-se uma carreira de 120 malhas *chaînettes*. É a largura inteira da roda. Depois, uma carreira de *crochet tunisien* ordinario.

Fazem-se 14 carreiras de *crochet tunisien* aberto; na decima quinta levantão-se só 30 malhas, e volta-se; deixão-se as outras malhas.

Fazem-se ainda tres carreiras, diminuindo-se uma malha no fim de cada uma d'ellas. Fazem-se depois quatro carreiras de 26 malhas cada uma; depois 4, augmentando-se uma malha no fim de cada carreira. Ter-se-ha mais uma vez 30 malhas na carreira.

Fazem-se duas carreiras, diminuindo-se uma malha no fim.

Na seguinte, faz-se uma malha simples sobre cada uma das 15 primeiras malhas; levantão-se 10, e tomão-se 2 juntas no fim. Diminue-se depois uma malha no principio e no fim de cada carreira, até não ficar mais que 3 malhas no *crochet*; tomão-se estas tres malhas juntas, e arremata-se. O lado direito da frente está concluido.

Para fazer-se o lado esquerdo, basta repetir-se o mesmo, fazendo-se as diminuições e os augmentos no principio em lugar de faze-los no fim das carreiras. O fim das carreiras deve formar uma risca direita, menos no degote, onde se diminuem 15 malhas. As costas fazem-se da mesma maneira, com as mesmas diminuições e augmentos que nos lados. Reunem-se as hombreiras com uma carreira de malhas simples azues. A um centimetro de distancia de cada lado, e na mesma direcção, faz-se, entrando o *crochet* nas malhas do chão, uma carreira de malhas dobradas, e por cima d'esta uma carreira de recórtés de tres malhas. Collocão-se 2 botões em distancias iguaes na risca azul do meio.

Faz-se depois uma carreira de malhas dobradas ao redor da roupinha, incluso o degote do lado esquerdo; na frente, formão-se 7 argolinhas de 5 malhas, separadas cada uma por 5 malhas, para as casas. Ao redor do degote fazem-se mais 2 carreiras de malhas dobradas com a lã zephyro azul, e forma-se mais uma casa na frente. Collocão-se oito botões no lado direito. Estes botões são de passamanaria de lã azul. Para cada manga, principia-se com uma carreira de 36 malhas *chaînettes*; 1 carreira de *crochet tunisien* ordinario; depois 12 carreiras de *crochet tunisien* aberto; na 15^a carreira, deixão-se 4 malhas, e 2 na 14^a; em fim na 15^a diminue-se uma malha de cada lado.

Depois faz-se uma carreira apanhando-se todas as malhas que não forão feitas nas carreiras precedentes; e fecha-se a manga com um ponto de costura.

Para o pequeno canhão, trabalha-se no avesso do trabalho com malhas dobradas. Fazem-se 21 malhas, e trabalha-se por cima, diminuindo-se no principio e no fim até não ficar senão uma só malha. Então faz-se uma carreira branca ao redor do baixo da manga; depois duas carreiras azues; a primeira lisa, a segunda formando pequenos recórtés semelhantes aos das hombreiras. Vira-se o pequeno canhão sobre a manga, onde está seguro por um botão. Reune-se a manga com a cava por meio de uma carreira de malhas dobradas azues.

NOME DA VIRGEM SANTISSIMA PARA MEIO DE PALA. N° 8.

Póde-se bordar este nome em ponto de *guipure* sobre chão de *filet* quadrado, e collocar-se em cima de um pedaço de tafetá azul; escolher-se-ha então um *filet* de tamanho conveniente. Póde-se tambem, para fazer-se este desenho, empregar o ponto em cruz com seda côr de ouro sobre chão azul. Querendo-se rodear o nome com uma cercadura maior, achar-se-hão diversos modelos nas nossas estampas de *crochet*.

ESTRELLA DE CROCHET TUNISIEN. N° 10.

Este novo genero de estrellas faz-se de pressa, e forma bonitos véos de poltronas. Trabalha-se apertando a linha, o que dá á obra o aspecto de uma passamanaria branca. Toma-se linha de algodão *C. B.* n° 15 ou 20 para véo de poltrona, mais grosso se se quizer fazer uma colcha.

Faz-se uma carreira de 170 malhas *chaînettes*; entra-se o *crochet* na segunda malha na volta, e forma-se uma argolinha nesta malha, e em cada uma das quatro seguintes, como no *crochet tunisien* ordinario; antes de formar as seis malhas seguintes, passa-se a linha sobre o *crochet*, e fazem-se mais cinco malhas ordinarias; deixa-se depois o resto das *chaînettes*, e fazem-se cahir estas malhas duas por duas; depois entra-se o *crochet* na primeira malha do lado opposto, com o fim de formar a primeira ponta da estrella; fazem-se cinco malhas simples na *chaînette*, e torna-se a principiar a segunda ponta da estrella da mesma maneira que a primeira. Na volta, quando se tiver feito cahir as cinco primeiras malhas, ajunta-se a segunda argolinha á primeira com uma malha simples dentro da quinta malha d'esta, e depois continua-se a fazer cahir as malhas. D'esta maneira formão-se, em tudo, oito pontas, e reune-se a primeira á ultima. Corta-se a linha, e ao redor da abertura do meio da estrella faz-se uma carreira de malhas dobradas apertadas. Enche-se a abertura com um aberto (*roda*) de fio de Irlanda.

Para a estrellinha que reune as estrellas, fazem-se 54 malhas *chaînettes*; voltando nesta *chaînette*, levantão-se tres malhas, como de costume; passa-se a linha sobre a agulha antes de levantarem-se as quatro seguintes; depois levantão-se ainda tres da mesma maneira; forma-se a ponta como na estrella, fazem-se tres malhas simples sobre a *chaînette*. Formão-se mais tres pontas semelhantes á primeira, prende-se a primeira malha á ultima, e corta-se a linha.

Reunem-se as estrellas, guiando-se pelo nosso modelo. 13 estrellas no comprimento e 11 na largura, com um numero sufficiente de estrellinhas para prende-las, bastão para um véo de poltrona de tamanho regular.

ESTOLA DE TAPEÇARIA. N.º 24.

Pensamos agradar a muitas das nossas assignantes publicando este bello desenho de estola. A parte inferior, a mais larga por conseguinte, ha de apparecer com o nosso proximo numero numa bonita estampa colorida. Tudo o que não pode caber nessa estampa encontra-se na nossa folha de bordados. Assim ter-se-ha uma metade inteira da estola. Entretanto, as nossas leitoras poderãõ começar este trabalho.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADO GUIPURE SOBRE FILET.

Este genero de bordado, que imita as antigas *guipures*, usa-se muito agora, depois de ter sido abandonado durante alguns annos. Julgamos agradar ás nossas leitoras substituindo pequenas estampas de desenhos novos para bordados sobre *filet* e *crochet*, ás duas grandes estampas publicadas outr'ora, que não se compunhão senão de modelos para *crochets* quadrados.

A nossa estampa d'este mez offerece varios desenhos de imitação de *guipure* antiga. Este genero de bordado faz-se com linha de algodão chata sobre chão de *filet* quadrado mais ou menos grosso, conforme o trabalho que se quer fazer. Compõe-se de alguns pontos differentes. Em primeiro lugar, o ponto de *serzido panno*, marcado na nossa estampa com pequeninos quadrados. Para fazer-se este ponto, passão-se primeiro fios de uma extremidade á outra de um dos quadrados do *filet*, no sentido do comprimento, tendo-se cuidado de proporcionar a grossura da linha com a das malhas, de maneira que quatro fios enchão uma malha sem serem muito apertados. Passa-se depois a linha transversalmente por cima e por baixo d'estes fios, absolutamente como quando se serze a roupa. Este trabalho deve ser feito com muita regularidade, para que apresente o aspecto do tecido de um panno mais ou menos fino.

O ponto de *serzido-recôrte*, formando um tecido muito fino e apertado, e quasi sempre por pedaços triangulares, faz-se da maneira seguinte : Faz-se por cima de um dos lados de um quadrado do *filet* uma carreira de pontos de recôrte muito largos ; depois volta-se, entrando a agulha em cada um d'estes pontos, e formando outros recôrtes, porém para *trás*. Continua-se assim, indo e voltando ; e para formar a ponta do triangulo diminue-se um ponto no principio de cada carreira, até que, chegando á extremidade opposta do quadrado, não se tenha senão um ponto, que se prende na outra beira.

As *rodas* fazem-se da maneira seguinte : em um quadrado composto de quatro malhas inteiras do *filet*, forma-se, com dous fios lançados d'uma extremidade á outra, uma cruz em X ; o quadrado principal acha-se assim dividido em oito partes regulares ; prende-se então a linha por baixo do nó que está

no centro das quatro malhas; depois passa-se alternadamente, e o mais perto possível d'este centro, a linha por cima e por baixo dos oito fios que dividem o quadrado. Cuidar-se-ha de fazer com que o redondo assim formado fique perfeitamente chato. Cinco ou seis carreiras bastão para completa-lo. Um pouco mais longe fazem-se duas ou tres carreiras para rodea-lo.

Os pontos de *serzido simples*, com os quaes formão-se os *cantos e pontas*, fazem-se lançando primeiro uma linha em vuez de um lado para outro de um quadrado, depois passando transversalmente uma linha, com a qual rodeiãose sempre os lados da malha, e que se passa alternadamente por cima e por baixo da linha lançada no centro. Este ponto repete-se para differentes desenhos; forma-se primeiro o fundo, e o ponto de serzido faz-se por cima, sempre da mesma maneira.

Os *pontos abertos* reproduzem-se simplesmente lançando a linha de um ponto para outro; prendem-se juntas as partes tapadas por meio d'estes pontos lançados; para passar-se de um lugar para outro do chão bordando-se os desenhos, rodeiãose os fios lançados ou as partes já bordadas com um ponto de cordãozinho muito fino. Para este genero de bordado, é preciso esticar primeiro o *filet* em cima de um encerado.

Esperamos que as nossas leitoras poderãõ, com estas explicações, copiar facilmente os modelos que lhes damos hoje, assim como os que havemos de publicar d'ora em diante.

Nº 1. — Guarnição e desenhos soltos para cortinas.

Nº 2. — Guarnição mais simples para pequenas cortinas, colcha e outros objectos, quer de *filet*, quer de *crochet*.

Nº 3. — Guarnição rica para baixo de alva ou toalha de altar, véo de poltrona, coberta de almofada, etc.

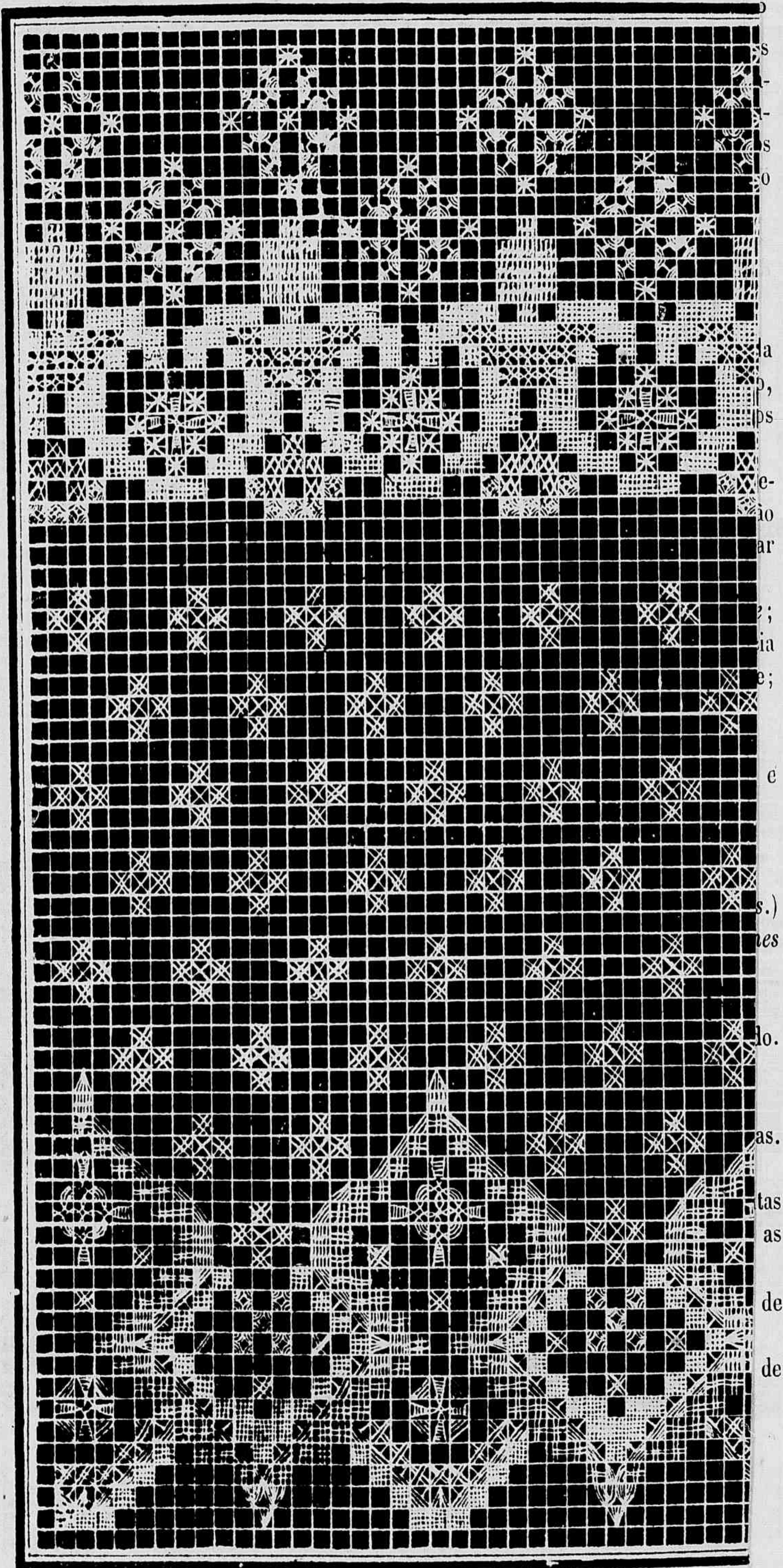
Nº 4. — Este modelo quadrado póde servir, conforme a grossura da linha que se empregar, quer para coberta de pala ou de almofada, quer para véo de poltrona. Sendo alternado este modelo com quadrados de bordado sobre panno, formar-se-hão colchas muito bonitas.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA DE TAPEÇARIA NO VERSO DA ESTAMPA DE BORDADO GUIPURE.

Sendo muitos os pedidos de modelos de tapeçaria que recebemos todos os mezes, resolvêmo-nos a publicar desenhos d'este genero, gravados em preto no verso das nossas estampas de *filet* ou *crochet*, o que augmenta notavelmente o numero dos desenhos que offerecemos com o nosso jornal.

Nºs 1 e 2. — Duas guarnições; a primeira, de palmas; a segunda, desenho de Smyrna; para rodear almofadas, banquinhos, etc. Feitas em ponto imperial, podem tambem servir, alternadas com tiras de velludo ou de *reps*, para cobrir cadeiras, poltronas, bahús e outros trastes.

Nº 1.



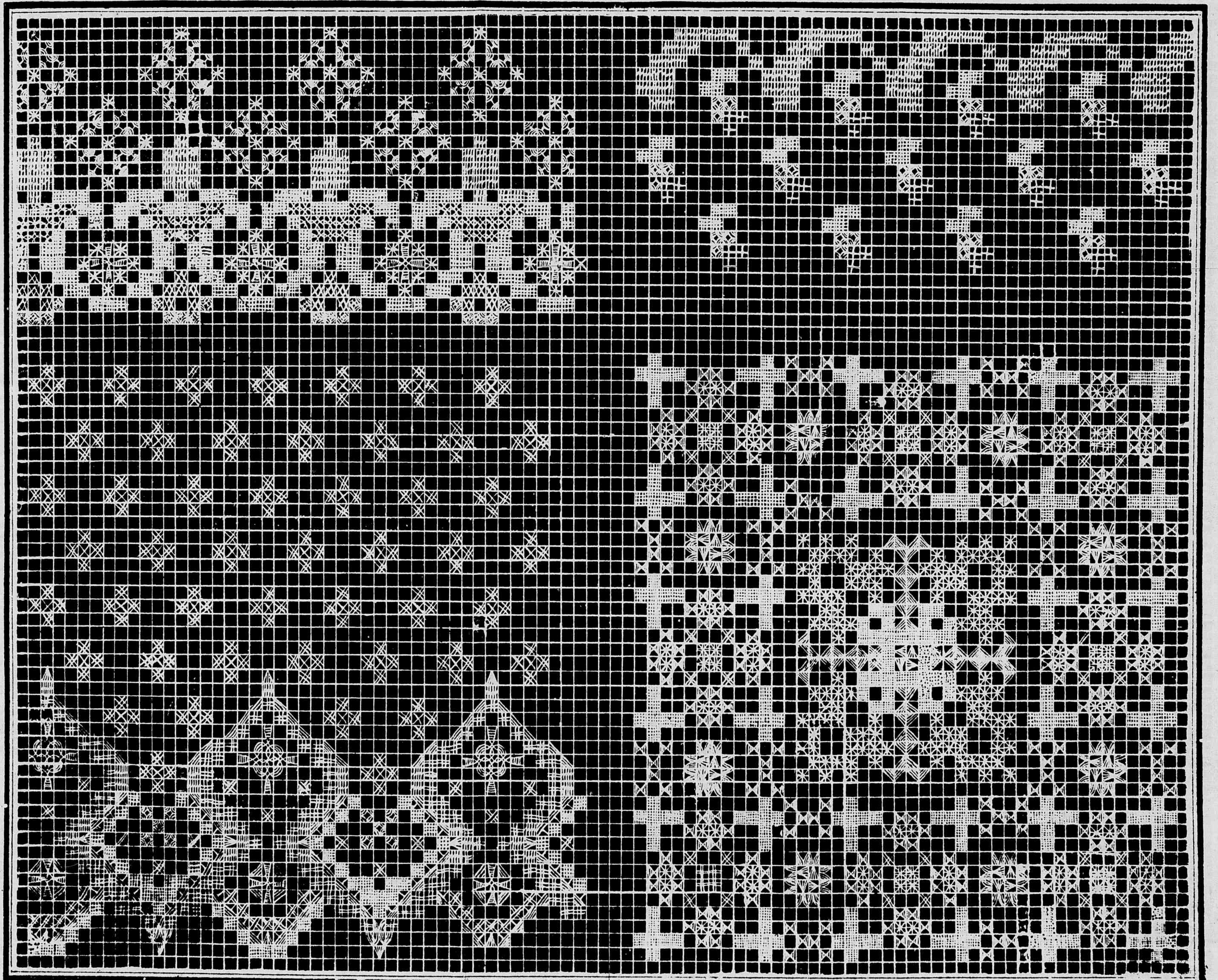
Nº 3.

JORNAL DAS FAMILIAS.

Julho de 1864.

Nº 1.

Nº 2.



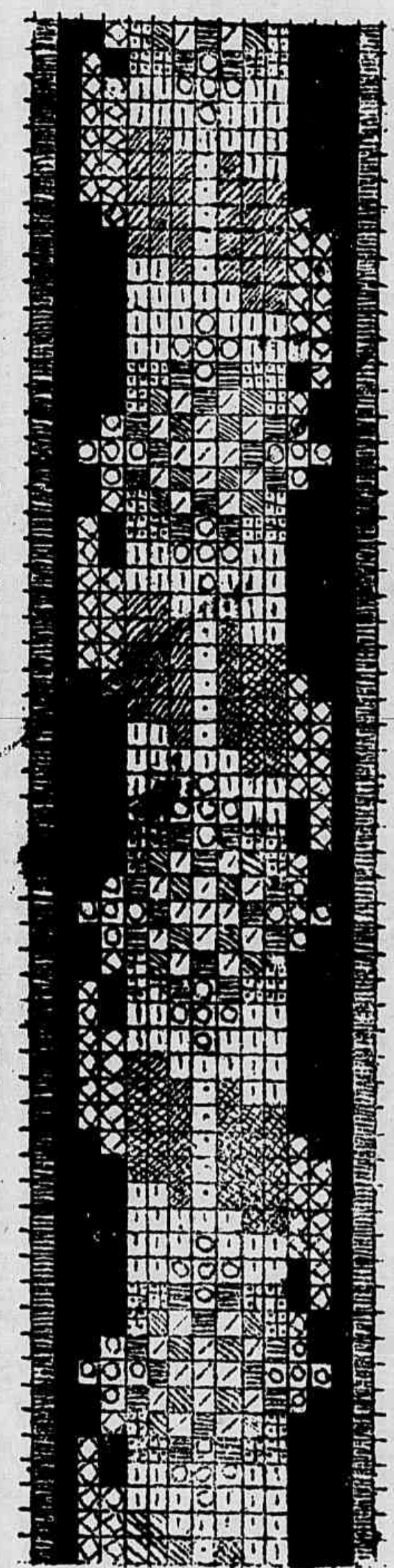
Nº 3.

Nº 4.

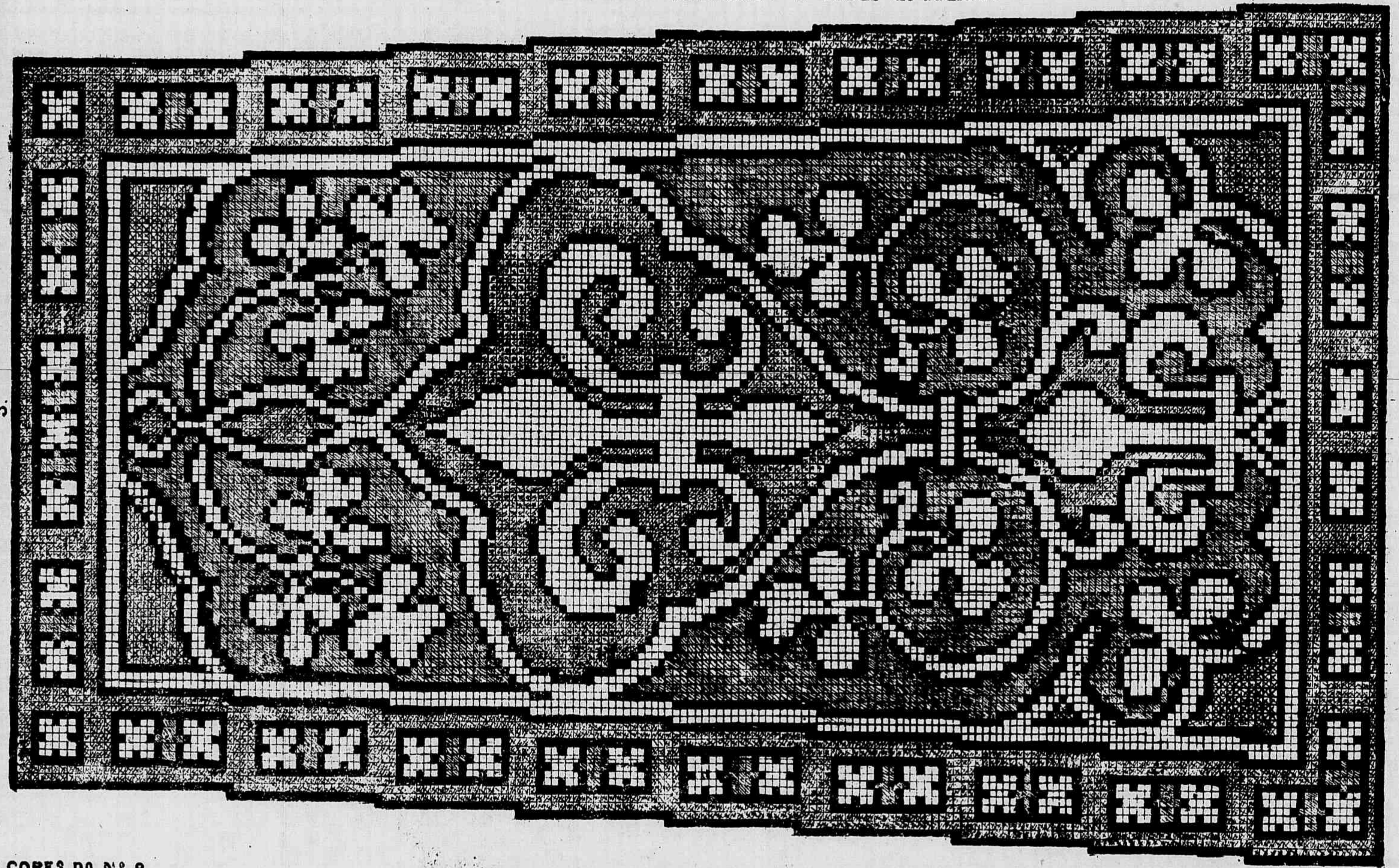
Nº 3, 4, 5. LISTA DAS CÔRES PARA O CENIFLEXORIO.
 ■ Preto. □ Amarello. ▣ Encarnado vivissimo. ▤ Azul de Franca.

LISTA DAS CÔRES DO Nº 1
 ■ Preto. ▣ Amarello. ▤ Verde. ▥ Azul. ▦ Encarnado viro. ▧ Encarnado escuro.
 □ Encarnado claro. ▨ Pardo escuro. ▩ Roxo.

1.



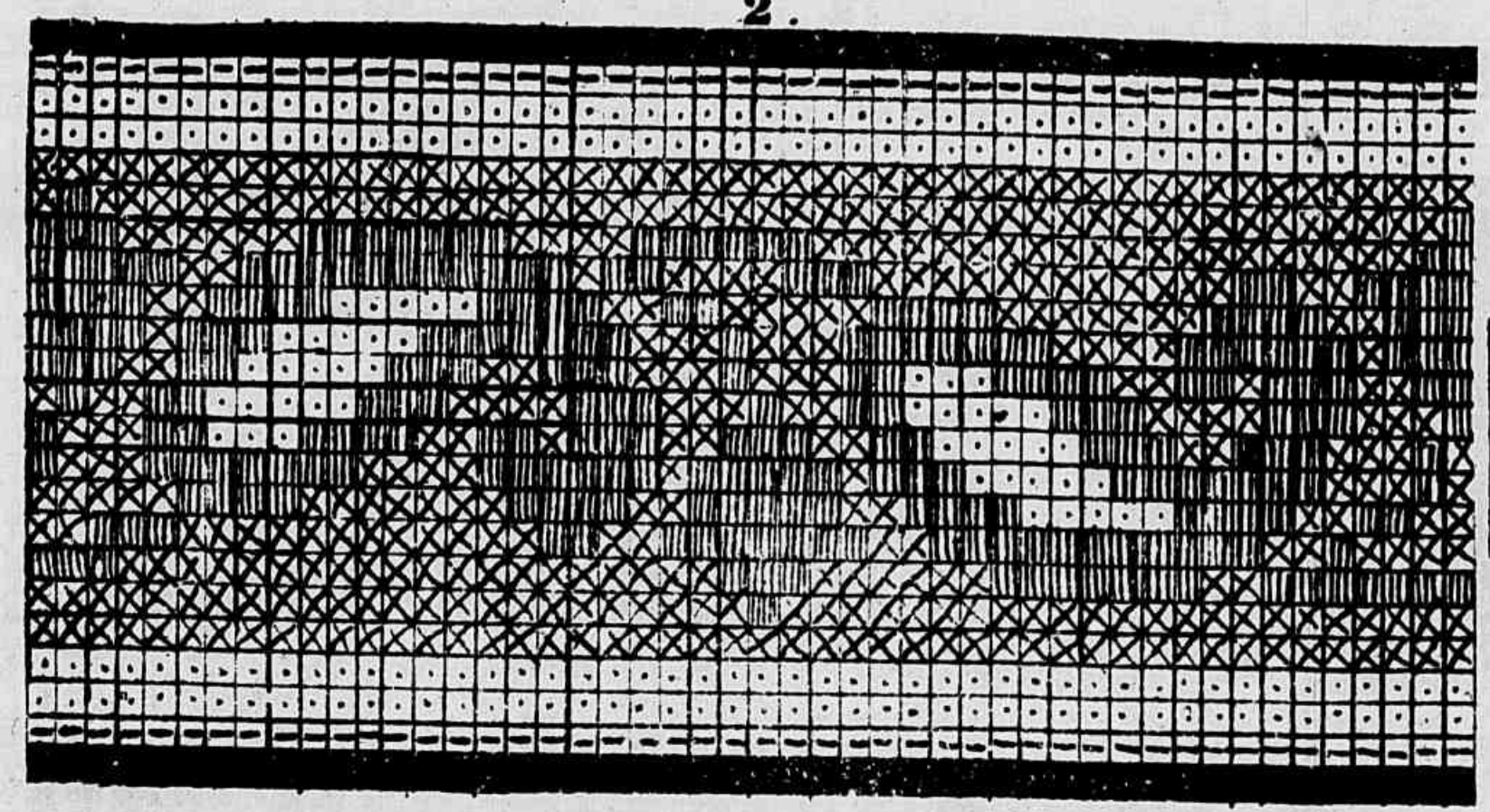
3.



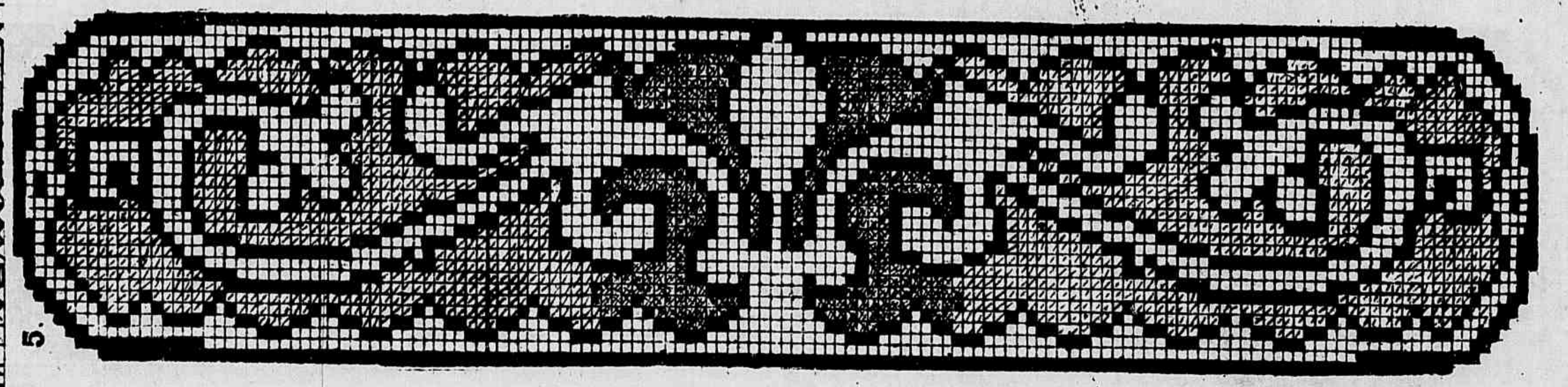
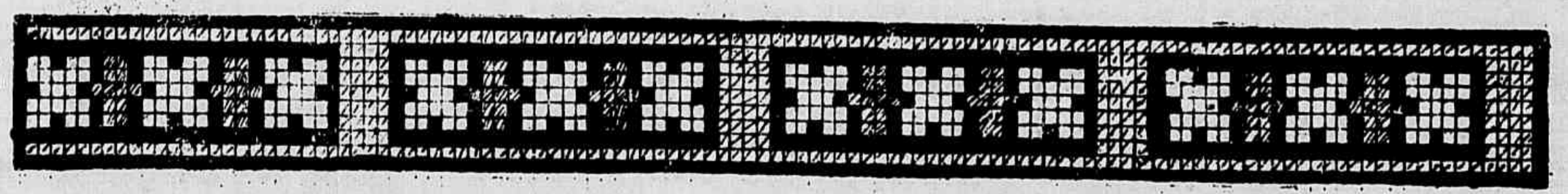
LISTA DAS CORES DO Nº 2.

▣ Roxo. □ Côr de milho. ▥ Cinzento. ▦ Preto.

2.



4.



5.

N^{os} 3, 4 e 5. — Costas, guarnição e encosto de genuflexorio. Publicaremos em breve a almofada. O desenho borda-se de ponto em cruz simples sobre tagarsa. Consultar-se-ha a lista das côres. Notaremos que a flor-de-liz produzirá um effeito mais distincto sendo bordada com seda branca, e os outros ornamentos com seda còr de ouro. A armação do genuflexorio é de carvalho esculpido.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS.

N^o 1. — Frente de vestido de baptisado, formando avental. Uma grinalda prolonga-se de cada lado em toda a roda do vestido. Ponto de relevo partido, bem em realce, mesclado, para as flores, com *point à échelle*, e pequenos ilhozes; as hastes fazem-se em cordãozinho.

N^o 2. — Alfabeto de lettras ornadas para marcar fronhas. A lettra pôde-se fazer, quer branca, quer com beira em cordãozinho de còr, e a guarnição branca. Uma d'estas lettras, a inicial do nome de familia, basta para marcar a roupa.

N^o 3. — Collarinho para bordar-se sobre *nansouk*. Recôrte *point de rose*; grinalda de ilhozes com flores-de-liz em ponto de relevo, separada de distancia em distancia por galhos de folhas mescladas com pequenos grãos em realce; florzinhas soltas em ponto de relevo.

N^o 4. — Bolsa de *crochet*. (Ver os trabalhos.)

N^o 5. — *Julia*. Nome para canto de lenço. Cordãozinho, *point d'armes*, e ilhozes.

N^o 6. — Roupinha, *crochet*. (Ver os trabalhos.)

N^o 7. — Touca de criança, *crochet*. (Ver os trabalhos.)

N^o 8. — Nome da Virgem Santissima para meio de pala. (Ver os trabalhos.)

N^o 9. — *Rosinha*. Nome para canto de lenço. Cordãozinho, *point d'armes* e ponto de relevo.

N^o 10. — Estrellas, *crochet*. (Ver os trabalhos.)

N^{os} 11 e 12. — Collarinho e mangas de panno dobrado e pespontado. Ponto de relevo e *point de poste*.

N^o 13. — *M. J.* Iniciaes. Ponto de relevo com grossos grãos em realce.

N^o 14. — Desenho de trancelim para casaquinhas e vestuarios de crianças.

N^o 15. — *M. S.* Iniciaes ricas. Ponto de relevo e *point d'armes*.

N^o 16. — Quarta parte de lenço. Ponto de relevo. O centro das margaritas enche-se com um ponto de renda, o que produz um bonito contraste com as petalas tapadas que o rodeião.

N^o 17. — Baixo de alvã em applicação de *nansouk* sobre filó grosso de malhas redondas.

N^o 18. — *Florina*. Nome para canto de lenço. Cordãozinho e ponto de relevo.

Nº 19. — *M. M.* Iniciaes entrelaçadas. Ponto de relevo com linha branca, e grãos de côr bordados por cima.

Nº 20. — *F. P.* Iniciaes. Ponto de relevo.

Nº 21. — *Branca.* Nome para canto de lenço. Cordãozinho, com folhas de ponto de relevo.

Nº 22. — *R. G.* Iniciaes. Cordãozinho, ponto de relevo e *point d'armes*.

Nº 25. — Guarnição para roupa branca. Recôrte de *point de rose*, e grega de pequenos ilhozes.

Nº 24. — Estola de tapeçaria. (*Ver os trabalhos.*)

